

A violoncelista Suggia e o maestro Lacerda

Diz algures Oliveira Martins (1) que toda e qualquer nação deve encontrar em si mesma recursos para satisfazer as necessidades indeclináveis da civilização em que é forçada a viver; e eu acho que ele tem razão em absoluto. Mas entre nós, pelo menos até aos ultimos tempos, não se pensou assim. Viveu-se no mais lamentavel e propositado afastamento da vida espiritual das nações a cujo grupo geografico e etnografico pertencemos, sem participarmos dos resultados dessa vida, sem exercer sobre ela a menor influencia.

Na civilização europeia Portugal não contava; e por vezes o vimos até repelir os seus filhos que se haviam tornado illustres ou conhecidos quer no estrangeiro, quer dentro do país, bem como o trabalho que eles produziam e o enobreceria; e procedia-se assim para podermos continuar vegetando na sorna e apagada atmosfera mental que nos caracteriza. Ainda não ha muito que um gravador-medalhista, primeiro premio da Escola de Belas Artes de Paris, se viu afastado da nossa Casa da Moeda, na qual falta toda a direcção artistica; e voltou para Paris onde vive entregue á gravura de medalhas e á escultura, e onde lhe é reconhecido o seu valor real. E' João da Silva, antigo aluno das nossas escolas industriais e antigo pensionista do Estado na Suíça e na capital da França. E naturalmente perguntamos porque se gastou dinheiro com a sua educação no estrangeiro, se de aí não nos havia de resultar proveito algum.

Vem isto á colação para apreciarmos devidamente dois factos de ordem artistica que há pouco se produziram em Lisboa e cuja acção no nosso meio deve fazer-se sentir franca e lealmente. Refiro-me aos dois concertos orquestrais realizados sob a direcção do maestro Francisco de Lacerda, no segundo dos quais se fez ouvir a nossa violoncelista M.^{me} Suggia. E, como me cumpre, falei primeiro desta illustre senhora.

Conheci-a quando, muito creança ainda, se apresentou a tocar violoncelo no *Orféon* do Porto, e

fui eu quem lançou a idea de ela ir completar a sua educação artistica no estrangeiro; idéa que felizmente vi aceite por todos e da qual resultou ela partir para a Alemanha como pensionista do Estado. Nunca vi mais clara e decidida revelação dum verdadeiro temperamento de *virtuose* como foi a sua, e nunca tambem melhor acertei nas minhas previsões. Todavia estas foram excedidas por uma forma que muito me faz reflectir e sobre a qual ousou chamar a atenção dos que se preocupam com os problemas da nossa educação nacional.

O temperamento de M.^{me} Suggia revelára-se com uma exuberancia verdadeiramente excepcional, mas toda exterior, peninsular, sem profundesa de sentimento artistico; brilhantissimo, mas desigual e em extremo fantasista, não me fazia prever, ainda passados anos e numa segunda epoca, o que há dias me levou a aplaudi-la muito comovidamente. Posso até afirmar que nunca, como agora, vi um concertista caracterisar com maior intensidade e mais justa medida dois compositores tão diferentes como são Haydn e Lalo. Com que superior encanto interpretou ela a musica do velho mestre alemão, e que nobre lirismo e finissima graça espalhou profusamente por toda essa notavel obra do compositor francês!... Vejo em M.^{me} Suggia o resultado duma constante e inteligentissima atenção critica que a levou a expurgar, a pouco e pouco, a sua tecnica prodigiosa de tudo quanto lhe diminuia os aspectos nobres, para atingir uma perfeição e superioridade estetica que raras vezes se consegue obter. Ela é uma artista completa e perfeita, e não deve surpreender-nos que em Londres, onde habita, a considerem primeira entre todas as violoncelistas conhecidas.

Francisco de Lacerda foi para Paris, também como pensionista do Estado, e lá completou a sua educação artistica, colhendo largamente tudo quanto de melhor poudo encontrar nesse rico meio musical, o mais notavel entre todos na actualidade, como ouvi afirmar ao grande maestro russo Kussevitky que há pouco dirigiu a opera Boris Godu-

(1) Nos *Dispersos*.

now no teatro de S. Carlos. Em 1897, e em opposição ao ensino então decadente do Conservatorio, fundou-se em Paris a *Scola Cantorum*, dirigida por discipulos do grande mestre que foi Cesar Franck. Lacerda inscreveu-se desde o principio nesse novo centro de instrução e educação, seguindo o excelente ensino de Vincent d'Indy, Guilmant, Bordes e outros, ensino em que se formou de uma maneira verdadeiramente completa e profunda no conhecimento dos classicos da música. Ali lhe foi reconhecido e aproveitado o seu inconfundível, o seu acentuado temperamento de regente de orquestra, ficando o nosso compatriota encarregado do curso de orquestra. Mas em Paris surgiam, após essa época, novas formas de arte com Debussy, Ravel e varios outros, e Lacerda tomava parte importante nesse movimento, quer como músico, quer como escritor e musicografo; e assim abrangia por completo todas as correntes artisticas da actualidade musical. Passados anos, e em luta com os músicos franceses, vencia-os nos concursos de Montreux e Marselha, tornando-se conhecido como notável regente de orquestra que é.

Naturalmente tal situação não se obtém sem a forte intelligência e extensa cultura literária e musical que elle possui; e provou-o nos últimos concertos de S. Carlos, em que nos revelou muitos aspectos inéditos para nós dos clássicos, dos românticos e dos modernos compositores. Lacerda atingiu por vezes a interpretação ideal da grande música. E soube dominar em pouquíssimos ensaios a orquestra portuguesa, a ponto de até acompanhar da maneira mais flexível e justa o difficil concerto de Lalo em que M^{me} Suggia poudo dar as maiores largas à sua encantadora e riquíssima fantasia. Poucas vezes temos assistido a duas *seratas* de grande arte como foram as de 2 e 6 de Junho corrente, e por isso mesmo cumpre registá-las e apreciá-las sob o ponto de vista do seu aproveitamento para a nossa educação nacional.

M^{me} Suggia vive em Londres, onde gosa de excepcional situação; nada porém a impedirá de poder prestar, aos nossos pensionistas do violoncelo, uma lição semelhante à que ella encontrou, há anos, no seu professor alemão, o illustre Klengel. A sua arte, como disse, é produto de superior espirito critico e ella deve, por isso mesmo, ser uma grande mestra.

Quanto a Lacerda, notável regente de orquestra em França e hoje estabelecido em Lisboa, é obvio que elle deve ficar à frente da orquestra que acaba de organizar e de dirigir, para nos dar interpretações dos grandes músicos capazes de emparelhar, ou até excederem o que, nesses generos de trabalho, melhor se faz nas nações cultas. Nós

precisamos, como dizia Oliveira Martins, de satisfazer as necessidades indeclináveis da civilização em que somos forçados a viver, e não devemos contentar-nos com as execuções musicais imperfeitas ou falseadas, mas sempre deprimentes, a que estamos habituados. *Noblesse oblige*.

Lisboa 10-6-23

ANTONIO ARROYO.

NOTA DA REDACÇÃO.— Antonio Arroyo dá-nos aqui o fruto de largos anos de experiência artistica e conhecimento dos meios artisticos estrangeiros. Dois pontos neste artigo convém acentuar: o primeiro, a necessidade de irem os nossos jovens completar fóra do país a sua educação; o segundo, a conveniência de retermos cá, criando-lhes o ambiente indispensavel, os que completem lá fóra os seus estudos.

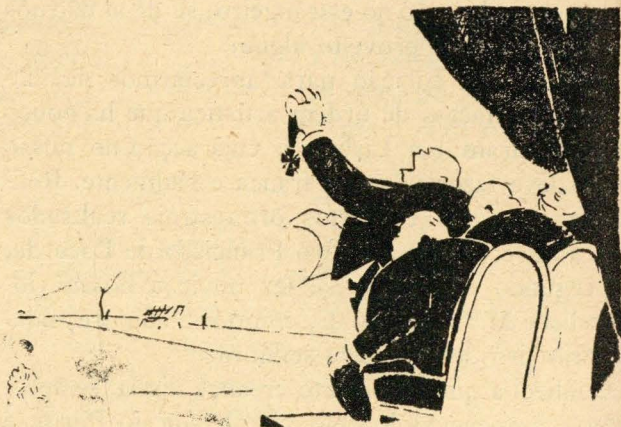
Não é pratico pensionar Suggias e Joões da Silva para os presentarmos depois às cidades de Londres e de Paris. O problema só pode ser resolvido por uma instituição especial que crie esse ambiente, e para isso se acaba de formar a Junta de Educação, instituto promotor do melhoramento de cultura nacional e da investigação scientifica.

Outra afirmação importante deste artigo é a do papel primacial da intelligencia e das faculdades criticas na formação de um artista verdadeiramente digno deste nome.

Em Portugal, é vulgar supor-se que um artista, quanto menos culto, menos sensato, menos intelligente, menos critico, — melhor é, mais inspirado, mais artista. Na afirmação oposta é que está a verdade. A falta de espirito critico, de lucidez e profundidade de intelligência, de apuro tecnico da forma, torna sempre imperfeita a obra de arte. A religião da obscuridade, da imprecisão, da insensatez e da ignorância só quadra aos falhados e aos charlatões. «Quem sabe quem é profundo» diz Nietzsche, «esforça-se por ser claro. Quem quer fingir que o é, esse procura a obscuridade».

■ ■ ■ ■

NAS REGIÕES DEVASTADAS



Populações da França: o Estado não se esquece de vós!